

SUETÔNIO SOBRE O CASAMENTO DE NERO COM ESPORO E DORÍFORO*

Anderson Martins Esteves**

Resumo:

*Neste artigo, proponho a tradução e análise dos capítulos 28 e 29 da **Vida de Nero**, de Suetônio, com comentários linguísticos e cotejo com outras passagens da obra e de outros documentos pertencentes a gêneros literários diversos. Com o objetivo de compreender as intenções do autor e sua estratégia discursiva, esboço algumas observações sobre as **Vidas dos doze Césares** e sobre a técnica narrativa de Suetônio. Sobre o sentido dos episódios narrados, acompanho brevemente a discussão historiográfica a partir de meados do século XX.*

Palavras-chave: Nero; Suetônio; homoerotismo; estudos de gênero; Esporo; Doríforo.

SUETONIUS ON NERO'S MARRIAGE TO SPORUS AND DORYPHOROS

Abstract: *In this article, I will present the translation and analysis of chapters 28 and 29 of Suetonius's **Life of Nero**, with a linguistic commentary and references to other excerpts of the biography and other documents from different literary genres. In order to understand the intentions of the author and his discursive strategies, I formulate some notes on the **Lives of the Twelve Caesars** and the narrative technique of Suetonius. As for the meaning of the episodes presented, I briefly follow the historiographical discussion from the mid-twentieth century onward.*

Keywords: Nero; Suetonius; Homoeroticism; Gender Studies; Sporus; Doryphorus.

* Recebido em: 04/08/2016 e aceito em: 30/09/2016.

** Doutor em Letras Clássicas, professor do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail para contato: andersonmartins@letras.ufrj.br.

No capítulo 28 da biografia que Suetônio devotou a Nero, lê-se que o imperador mandou castrar um jovem (chamado Esporo) e casou-se com ele “com as solenidades de um casamento, em uma cerimônia a que muitíssimas pessoas assistiram” (**Vida de Nero** 28.3). O capítulo seguinte, que contém igualmente a descrição de um jogo de natureza sexual, informa que o imperador se casou com um liberto, desta vez “assumindo o papel de noiva e imitando as palavras e os gritos das virgens defloradas” (**Vida de Nero** 29.1). Os episódios – o primeiro, o segundo, ou ambos – são mencionados por vários autores anteriores, posteriores ou contemporâneos de Suetônio, e outros casamentos entre homens são mencionados em escritores do período flaviano. No entanto, apesar da riqueza de evidências, nota-se um grande incômodo tanto em historiadores como latinistas em lidar com essas uniões, seja comentando-as, seja dando a devida tradução aos termos latinos. Nesse esforço de negar os episódios, quer em sua existência mesma, quer em seu sentido literal, numerosos estudos foram publicados para atribuir as passagens ao gosto dos biógrafos pela anedota e pelos detalhes sexuais, para enquadrá-los na temática geral da orgia neroniana do final do principado, ou para associá-las a rituais religiosos iniciáticos. No mesmo sentido, tradutores têm repetida e cuidadosamente mantido expressões como “casamento” e “casar-se” entre aspas, dando a compreender que as uniões descritas neste artigo não passaram de paródias grotescas do *matrimonium* romano.

As reações dos estudiosos do século XX sobre os capítulos 28 e 29 não chegam, na realidade, a causar surpresa. Numa sociedade marcada por aquilo que Adrienne Rich denominou de “heterossexualidade compulsória” (RICH, 1980) – e o que hoje se exprime mais comumente pelo conceito de heteronormatividade –, não há espaço para manifestações sexuais e afetivas diferentes dos modelos heterossexuais convencionais, a não ser no território da anomalia e da doença. Quando pesquisadores, aculturados em sociedades profundamente heteronormativas como a de meados do século passado, veem-se diante de representações de práticas sexuais da sociedade romana do Principado, o ruído de comunicação produzido pela abordagem do documento se faz ainda mais presente. Isso porque, como é assente desde início dos anos 80 na historiografia sobre sexo e gênero na Antiguidade, os gregos e romanos viviam sob outro regime ideológico-normativo, segundo o qual homens e mulheres não eram classificados em categorias distintas (como nossa dicotomia homossexual vs. heterossexual)¹ em função do gênero de seus parceiros eróticos. Em consequência disso, os interditos morais e normativos a que se

subsumiam os romanos do Principado não correspondiam aos nossos códigos contemporâneos, de maneira que, por exemplo, um cidadão livre que praticasse sexo oral em sua esposa era objeto de um nítido desprezo social, ao passo que suas relações sexuais com seu escravo adolescente, se se mantivesse dentro do horizonte de expectativas das práticas sexuais permitidas a um *civis romanus*, passava relativamente despercebida. Assim, estudos ou traduções anteriores à década de 80 – com a revolução foucaultiana na história da sexualidade – que tendam a fazer calar a vigência do relato suetoniano, são, como é todo esforço interpretativo do historiador, frutos do seu próprio tempo, marcado pelo silenciamento de práticas sexuais e representações identitárias não contempladas pela heteronormatividade.

Considerando a rica contribuição de temáticas e abordagens trazidas pelos Estudos de Gênero nos estudos da Antiguidade ao longo das duas últimas décadas do século passado, proponho neste artigo uma releitura dos casamentos de Nero com Esporo e com Doríforo na **Vida de Nero**, repensando o real alcance semântico de certas palavras do texto original, situando-as no rico universo intertextual no qual se inserem e relacionando-as brevemente ao contexto da época.

Dois outros historiadores em que podemos ler os mesmos episódios narrados por Suetônio, e por isso são trazidos à colação neste estudo, são Tácito, nos **Anais**, e Dión Cássio, na **História Romana**. Ambos – o primeiro, contemporâneo de Suetônio, nos primeiros anos da dinastia Antonia, e o último, escrevendo cerca de um século depois, sob os Severos – representam o gênero historiográfico antigo e se focam, majoritariamente, nos acontecimentos de grande escala que envolvem a cidade de Roma, com todos os seus conflitos internos e externos. Em contrapartida, **Vidas dos doze Césares** é uma série de *vitae* (vidas, biografias) que se concentram na vida de um único indivíduo, sua personalidade e seus feitos. Suetônio, assim, procura focalizar aquilo que, apesar de receber menos atenção de um Tácito, é fundamental para demonstrar o caráter ou *natura* do biografado – pequenos acontecimentos, muitas vezes de caráter anedótico, que configuram seus *mores* (costumes, ações costumeiras). Embora aberto para a influência de outras escolas, Suetônio, assim como seus antecessores gregos, os biógrafos peripatéticos Teofrasto (meados do século IV AEC) e Hermipo (meados do século III AEC) (SONNABEND, 2002, p. 68-74), dedicava-se a explicar o *ethos* (caráter) dos líderes políticos por meio de suas *práxeis* (ações). Estes biógrafos, de época alexandrina, seguiam os ensinamentos

de Aristóteles que, na sua **Retórica**, explica como o caráter de uma pessoa pode ser descrito, entre outras coisas, através de suas ἔξεις (disposições ao vício ou à virtude) (1388b 31-39a2), que, por sua vez, se mostram através das *práxeis*. Como explica Ronald Mellor, coube aos peripatéticos a teoria pela qual “o caráter de um indivíduo é fixo e pode somente ser gradualmente revelado ao longo da vida” (1999, p. 134).

Suetônio, assim como Tácito, escreve no início do século II, este no Principado de Trajano e primeiros anos de Adriano, e aquele no Principado de Adriano. E, embora Tácito seja senador e Suetônio, cavaleiro, ambos encarnam a vertente da chamada historiografia senatorial, intrinsecamente ligada aos sistemas de representação da ordem senatorial.² E não se pode desconsiderar que muito do retrato de Nero possa ser uma crítica velada a Adriano, que partilhava com Nero o amor pela Grécia e pelas artes (o *scriptor* da **Historia Augusta** chama Adriano de *graeculus* – **De Vita Hadriani** 1.5), e o envolvimento amoroso ostensivo com um rapaz – Antínoo.

O relato do casamento de Nero com Esporo se insere no capítulo 28 da **Vida de Nero**, que, juntamente com o capítulo 29, são devotados à *libido* (luxúria) do imperador.³ A técnica biográfica de Suetônio privilegiava a narração dos fatos agrupados por rubricas, motivo pelo qual vários episódios, ainda que dissociados cronologicamente, são reunidos nesses capítulos.

1. Super ingenuorum paedagogia et nuptiarum concubinatus Vestali uirgini Rubriae uim intulit. 2. Acten libertam paulum afuit quin iusto sibi matrimonio coniungeret, summissis consularibus uiris qui régio genere ortam peierarent. 3. Puerum Sporum exsectis testibus etiam in muliebrem naturam transfigurare conatus cum dote et flammeo per sollempnia nuptiarum celeberrimo officio deductum ad se pro uxore habuit; exstatque cuiusdam non inscutisocus “bene agi potuisse cum rebus humanis, si Domitius pater talem habuisset uxorem”. 4. Hunc Sporum, Augustarum ornamentis excultum lecticaque uectum, ET circa conuentus mercatusque Graeciae ac mox Romae circa Sigillaria comitatus est identidem exosculans. (SUETÔNIO. **Nero** 28.1-2)

1. Além de se servir sexualmente de cidadãos livres e de suas relações com mulheres casadas, violentou a virgem vestal Rúbria. 2. Pouco faltou para que não tomasse a liberta Acte como legítima esposa, subornando senadores ex-cônsules para atestarem em falso

*juramento que ela era oriunda de uma família real. 3. Tentou até mesmo transformar em mulher o jovem Esporo, que foi castrado, e o recebeu como esposa, casando-se com ele, que trouxe dote e vestiu o véu de noiva, com as solenidades de um casamento, em uma cerimônia a que muitíssimas pessoas assistiram. E existe um gracejo bem conhecido feito por certa pessoa, segundo o qual poderia agir bem com a humanidade se seu pai Domicio tivesse tido tal esposa. 4. Acompanhava esse Esporo, ornado com insígnias das imperatrizes e conduzido na liteira, nas assembleias e nos mercados da Grécia e, pouco depois, também em Roma, nas Sigilárias, beijando-o repetidamente. Com efeito, ninguém duvidava que ele desejasse se deitar com sua mãe, (...).*⁴

O capítulo começa com a acusação de corrupção de jovens livres (*ingenuorum*) e de mulheres casadas (*nuptarum*). *Paedagogia* (plural de *paedagogium*, s.n. lugar em que os filhos dos escravos eram educados; os próprios meninos da escola)⁵ não tem propriamente um sentido sexual, mas, em uso figurado, conduz à compreensão de “usar cidadãos nascidos livres como jovens escravos”, o que justifica a tradução adotada (WARMINGTON, 1977, p. 54; CHAMPLIN, 2003, p. 164). *Concubinatus* pode se referir tanto à instituição do concubinato (KASER, 1992, p. 270; ALVES, 1987, p. 296) quanto, por alargamento de sentido, a relações sexuais ilícitas com mulheres. A acusação, a meu ver, não recai sobre o concubinato ou sobre a relação com rapazes em si, mas sim sobre o fato de que Nero tinha relações com mulheres casadas, com não libertas, escravas, ou quaisquer outras com as quais um nobre romano não poderia se casar e, por isso, optava pelo concubinato. No mesmo sentido, ele dispunha do corpo de jovens livres como se fossem escravos, prostitutas. Quer em um caso, quer no outro, Nero incorria nos crimes previstos pela legislação da época de Augusto, que punia o adultério e o *stuprum*, ambos delitos em grande medida indistintos entre si, e englobados por este último, que punia as relações sexuais (consentidas ou não) entre um homem e “uma mulher e respeitável *status* social” solteira, casada ou viúva; e entre um homem e outro “homem respeitável ou um menino” (ROBINSON, 1995, p. 59). O *stuprum* romano coincide com nossa noção de estupro logo a seguir no texto, quando se diz que Nero “violenteou a virgem vestal Rúbria”. Ou seja, Nero é descrito não só como corrompido, sob a ótica da moral sexual, mas, sobretudo, como corruptor de uma ordem jurídico-normativa que impedia usar o corpo de ci-

dadãos romanos livres para fins libidinosos. O tema da corrupção continua a seguir, mesmo na relação com Acte,⁶ uma mulher que, devido à sua posição de liberta, não estava protegida pela *Lex Iulia de adulteriis coercendis*; por conseguinte, estava à livre disposição do *princeps*. Mesmo neste caso, Nero, ao tentar se casar legitimamente com ela, intenta subverter as próprias leis do casamento (*iusto matrimonio*) subornando para isso senadores consulares – e isso, por si só, configurava mais um ato de corrupção.

É nesse sentido que devemos, acredito, ler o trecho relativo a Esporo. A fraseologia latina, que começa com a indicação do objeto da ação “o jovem Esporo”,⁷ é interrompida por uma oração adverbial reduzida (*exsectistestibus*, i.e. tendo os testículos extraídos) e retoma a oração principal com uma ênfase marcada pelo *etiam* (e também, e até mesmo): *etiam in muliebrem naturam transfigurare conatus*, que, para maior clareza, poderia ser traduzida literalmente como: “e até mesmo tentou transformar [Esporo] de forma a assumir a natureza de uma mulher”. Ou seja, Nero quer corromper o corpo de um jovem a ponto de mudar sua natureza (*natura*). E, além disso, ele também corrompe o papel da esposa (*pro uxore habuit*) “e o recebeu como esposa” e a própria função pública da imperatriz: “ornado com insígnias das imperatrizes (*augustarum ornamentis excultum*) e conduzido na liteira (*lecticaeuctum*)”.

O capítulo contém uma descrição da cerimônia da união com Esporo, que Suetônio qualifica como solene (*per sollemnia nuptiarum*): “que trouxe dote (*dote*) e vestiu o véu de noiva (*flammeo*), com as solenidades de um casamento, em uma cerimônia a que muitíssimas pessoas assistiram (*celeberrimo officio*)”. E, logo a seguir, o autor reforça o caráter público da relação entre ambos, ao dizer “Acompanhava esse Esporo, ornado com insígnias das imperatrizes e conduzido na liteira, nas assembleias e nos mercados da Grécia e, pouco depois, também em Roma, nas Sigilárias,⁸ beijando-o repetidamente”.

Dión Cássio se refere ao casamento em duas ocasiões. Na primeira, quando logo depois da morte de Sabina, segunda esposa de Nero, o imperador sente tanto sua falta que manda buscar uma mulher que se parecia com ela. Em seguida, prossegue Dión, “castrou um jovem liberto chamado Esporo, já que ele também se assemelhava à Sabina, e usou-o, em todas as maneiras, como uma esposa” (**História Romana** 62.28.2-3).⁹ Fora essa informação nova, atinente aos motivos íntimos que levaram Nero a castrar Esporo, o relato continua em concordância com Suetônio: “E depois de certo tempo, casou-se com ele (...). Ele lhe [a Esporo] concedeu um dote por contrato e tanto os romanos como os demais povos celebraram publi-

camente o casamento” (62.28.3).¹⁰ Mais à frente, no relato da viagem à Grécia, Dión relata o que parece ser um segundo casamento com Esporo:

*ὠνόμασε δὲ Σαβῖναν τὸν Σπόρονου κατὰ τοῦτο μόνον ὅτι διὰ τὴν ὁμοίότητα αὐτῆς ἐξετέμητο, ἀλλ’ ὅτι καὶ ἐγγάμο αὐτῶ, ὥσπερ καὶ ἐκείνη, ἐν τῇ Ἑλλάδι κατὰ συμβόλαιον, ἐκδόντος αὐτὸν τοῦ Τιγελλίνου, ὥσπερ ὁ νόμος ἐκέλευε. καὶ τοὺς 1 γάμους αὐτῶν πάντες οἱ Ἕλληνες ἐόρτασαν, τὰ τε ἄλλα οἷα εἰκὸς ἦν ἐπιλέγοντες, καὶ γνησίους σφίσι παῖδας γεννηθῆναι εὐχόμενοι. (DION CÁSSIO. **História Romana** 63.13.1)*

[Nero] chamava Esporo de Sabina, não só porque, dada a semelhança com esta, o havia castrado, mas porque havia se casado com ele, conforme os ritos, na Grécia; assim como se casara com aquela. Tigelino conduzia a noiva, como a lei ordena. Todos os gregos celebraram o casamento deles, pronunciando todos os costumeiros votos, até mesmo para que filhos legítimos nascessem da união.

Ambas as passagens de Dión convergem para o relato suetoniano. Nos dois autores, a mesma ocorrência do verbo casar-se (*deductum*/ἔγημεν), a mesma ênfase no respeito às solenidades do casamento (*per sollemnia nuptiarum*/κατὰ συμβόλαιον), ao dote (*cum dote*/προίκα) e à celebração pública (*celeberrimo officio*/σφῶνδημοσία).

É importante notar que Plutarco e Dión Crisóstomo, dois autores gregos contemporâneos a Suetônio – e provavelmente escrevendo antes da **Vida dos doze Césares** –, mencionam a relação de Nero com Esporo. Em Plutarco, lemos que Vitélio mandou buscar Esporo, enquanto este ainda estava ao lado da pira de Nero, e que se casou com ele, passando a chamá-lo Popéia (**Vida de Galba** 9.3).¹¹ No discurso sobre a beleza, Dión Crisóstomo, embora omitindo os detalhes do casamento e mesmo o nome de Esporo, informa como fato sabido por todos que Nero mandou castrar seu *erômenos* e trocou seu nome para o da mulher que amava (**Discursos** 21.6).¹² O testemunho de Crisóstomo é ainda mais importante porquanto relata um caso notório e ocorrido “no tempo” do autor.

No decorrer da **Vida de Nero**, Esporo aparece outras três vezes. Em 46.2, quando Nero toma os auspícios das calendas de janeiro, o jovem o presenteia com um anel, cujo entalhe representava o rapto de Prosérpina,¹³ o que é visto como mau agouro por Suetônio.¹⁴ Mais à frente, nas horas

que antecederam sua morte, quando o imperador abandona o palácio e foge para os arredores da cidade, lemos que “apenas quatro pessoas o acompanhavam, entre as quais estava Esporo” (48.1).¹⁵ Dion Cássio informa que três libertos o acompanhavam: Faonte, Epafrodito e Esporo (**História Romana** 63.27.3). No capítulo seguinte, quando Nero se mostra hesitante em se suicidar, escreve Suetônio: “E ora exortava Esporo a começar a lamentar e chorar, ora pedia que alguém o ajudasse pelo exemplo, entregando-se à morte” (49.3).¹⁶ Em todas as passagens, podemos notar que Esporo foi um companheiro constante, que acompanha Nero até o esconderijo em que se suicidou e, a julgar pelo relato de Plutarco, ainda zela por seus funerais. O único relato divergente é o de Dión Crisóstomo, que afirma, em uma passagem obscura, que a morte de Nero é devida a Esporo, o qual, devido aos maus-tratos sofridos, revelou os desígnios do imperador à sua corte (**Discursos** 21.9).¹⁷ Griffin (2000, p. 186; 287) sugere que Esporo poderia ter revelado o esconderijo de Nero e, com isso, causado sua morte.

No capítulo 29, Suetônio se refere a outro casamento:

Suam quidem pudicitiam usque adeo prostituit, ut contaminatis paene omnibus membris nouissime quasi genus lusus excogitaret, quo ferae pelle contactus emitteretur e cauea uirorumque ac feminarum ad stipitem deligatorum inguina inuaderet et, cum affatim desaeuisset, conficeretur a Doryphoro liberto; cui etiam, sicut ipsi Sporus, ita ipse denupsit, uoces quoque et heulatus uim patientium uirginum imitatus. (SUETÔNIO. **Nero** 29)

Maculou seu pudor a tal ponto que, depois de contaminar quase todos os seus membros, por fim criou como que um tipo de jogo, no qual, vestido de peles de animais, saía da jaula e lançava-se sobre a virilha de homens e mulheres atados a um poste e, quando já havia satisfeito seu desejo insano, entregava-se ao liberta Doríforo. Assim como tinha feito com Esporo, ele também se casou com Doríforo, assumindo o papel de noiva e imitando as palavras e os gritos das virgens defloradas.

Primeiro a descrição de um jogo (*lusus*), que, por seus elementos, reforça no leitor o caráter selvagem, desumano, de Nero, que “vestido de peles de animais, saía da jaula”. O próprio verbo que descreve o estado de Nero após se ter lançado “sobre a virilha de homens e mulheres atados a um

poste” aponta na mesma direção – *desaevire*, quer dizer acalmar-se, deixar de ser *saevus*, furioso, feroz. O verbo anterior, *invadere*, traduzido como lançar-se sobre, quer dizer também atacar, cair em cima, e o objeto da ação, que escolhi verter como “virilhas”, indica mais precisamente as partes genitais. E aqui temos a compreensão cabal do “depois de contaminar quase todos os seus membros”, que inicia o capítulo – faltava-lhe conspurcar também a boca por meio da felação, a qual, quer incidisse sobre homens, quer sobre mulheres, era igualmente tabu para os romanos.¹⁸ Aurélio Víctor, escrevendo na segunda metade do século IV, é ainda mais explícito: “(...) pois, com efeito, amarrava pessoas de ambos os sexos, à moda dos criminosos, e, coberto com a pele de um animal, tocava com o rosto os seus genitais” (**Livro dos Césarés 5.5-7**).¹⁹ Dion Cássio relata o “jogo” com ainda mais precisão, ao dizer que “[Nero] atava meninos e meninas nuas a estacas e então, sob o disfarce de uma fera selvagem, atacava-os e satisfazia sua luxúria sob a aparência de comer partes de seus corpos” (**História Romana 63.13.2-3**).²⁰

E depois que se cansava do jogo, ele “se entregava sexualmente” (*conficeretur*) ao liberto Doríforo, como creio ser a tradução mais clara. O verbo *conficere* significa, entre outras coisas, matar, subjugar, terminar, resolver. Como a cena é de um jogo em que Nero está vestido como um animal, não poderia afastar a interpretação de que o liberto – que é descrito como “Doríforo”, que em grego quer dizer portador de lança – simule a morte do imperador-fera – como nas *venationes*, espetáculos com animais na arena, muito comuns nos circos e anfiteatros da época. Por essa interpretação, *doryphoros* seria um nome comum, e não o nome próprio do liberto, que possivelmente usaria sua lança para dar o golpe que simulava a morte de Nero. No entanto, creio, com Champlin, (2003, p. 185) e Williams (1999, p.251), que o termo denota atividade sexual, de maneira que o tal liberto, seja qual fosse seu nome, tratava de fazer o imperador chegar ao clímax, possivelmente subjugando-o sexualmente, hipótese em que estaríamos diante de um jogo de palavras (VOUT, 2007, p.153).

Na sequência, Suetônio comenta que Nero tomou o liberto por esposo, ou seja, denupsit Doríforo (*cui...ita ipse denupsit*), assim como Esporo havia tomado Nero por esposo (*sicut ipsi Sporus*).²¹ Como é sabido, a língua latina tem dois verbos para o vernáculo casar-se: *ducere*, para os homens – no sentido primitivo, “conduzir”, associado ao ato de conduzir a noiva da casa de seu *pater familias* para a de sua nova família –; *enubere*, para as mulheres, cujo sentido original pode remontar a “cobrir-se”, estando su-

bentendido o véu (ERNOUT; MEILLET, 1932, p. 449). E essa informação é reforçada logo adiante, quando se diz que Nero imitou “as palavras e os gritos das virgens defloradas”.

Esse episódio também se encontra nos **Anais** de Tácito, logo após o banquete de Tigelino, no capítulo que antecede o célebre incêndio de Roma, em 64:

*4. ipse per licita atque inlicita foedatus nihil flagitii reliquerat, quo corruptior ageret, nisi paucos post dies uni ex illo contaminatorum grege (nomen Pythagorae fuit) in modum solemnium coniugiorum denupsisset. Inditum imperatori flammeum, missi auspices; dos ET genialis torus et faces nuptiales, cuncta denique spectata, quae etiam in femina nox operit. (TÁCITO. **Anais** 15.37.4)*

4. Nero, manchado quer pelas coisas lícitas quer pelas ilícitas, já não deixara escapar nenhum escândalo que o tornasse mais corrompido, se não tivesse, após poucos dias, tomado por marido, com todas as solenidades de um matrimônio, um dentre aquele bando de perversos (seu nome era Pitágoras). Pôs-se o véu no imperador; foram consultados os auspícios; o dote, o leito matrimonial e as tochas nupciais, a tudo isso, enfim, todos assistiram, coisas que, mesmo quando a noiva é uma mulher, a noite as cobre.

Em um trabalho publicado recentemente, já tive a oportunidade de relacionar o banquete de Tigelino ao casamento de Nero e Pitágoras, e ambos ao incêndio de Roma (**Anais**, 38-44), tendo chegado à conclusão de que a função narrativa do capítulo 37 era acentuar a responsabilidade de Nero pelo incêndio, a qual não foi afirmada expressamente por Tácito, que preferiu se valer de insinuações (ESTEVES, 2014). Em cotejo com o relato de Suetônio, vemos que o verbo utilizado em ambos os excertos é o mesmo: *denubo*, um composto de *nubo*, usado no latim da época imperial, mas de emprego bem mais limitado do que o segundo.²² Outro elemento a destacar é “com todas as solenidades de um matrimônio”, que ecoa a “com as solenidades de um casamento” (SUETÔNIO. **Vida de Nero** 28.3), que, embora relativo à união entre Nero e Esporo, também tem aplicação no segundo casamento, como se lê em “assim como tinha feito com Esporo, da mesma forma ele se casou com Doríforo” (29.1). Igualmente, a menção “gritos das virgens defloradas” de Suetônio está apenas grau abaixo do “todos assis-

tiram” tacitano. A cena narrada por Tácito, com sua notável brevidade – “o dote, o leito nupcial, as tochas” – é marcadamente mais hostil a Nero, que resume sua ironia pessimista na fórmula “Pôs-se o véu (*flammeum*) no imperador (*imperator*)”, em que a escolha palavra *imperator*, raramente usada por Tácito para indicar os *príncipes*, serve para realçar o *status* social de Nero, e justaposta a *flammeum*, evidencia o absurdo da situação e a monstrosidade (a *prodigientia* de 37.1) da cena. Nero, o grande *imperator*, coloca-se na posição de não homem, uma noiva “de véu e grinalda”, como diríamos hoje.

Se Tácito silencia sobre Esporo – possivelmente o relato do casamento faria parte da viagem à Grécia, que se perdeu com os últimos livros dos **Anais** –, Díon Cássio menciona três vezes que Nero foi casado, como mulher, com um liberto chamado Pitágoras. Nas três vezes, Díon retoma a oposição de Suetônio: “Assim como tinha feito com Esporo, ele também se casou com Doríforo, assumindo o papel de noiva”. Na primeira ocorrência, lemos “E depois de certo tempo, casou-se com ele, embora [Nero] já fosse casado com um certo Pitágoras, um liberto” (**História Romana** 62.28.3).²³ Embora de forma menos consistente do que o latim, a língua grega também registra um uso diferenciado do verbo *gaméō*, casar-se, que costuma ser empregado, na voz ativa, para homens, e na voz passiva, para mulheres (BOSWELL, 1994, p. 12). O discurso de Vindex, líder de uma revolta militar contra Nero, ainda é mais enfático na binarização de gêneros: “eu vi aquele homem – se é que é homem aquele que foi marido de Esporo e esposa de Pitágoras” (DÍON CÁSSIO. **História Romana** 63.22.4).²⁴

A questão a que resta responder é: o liberto Doríforo, em Suetônio, e Pitágoras, em Tácito e Díon, são a mesma pessoa? Para a grande maioria dos críticos, sim. Os estudiosos de meados do século passado encaravam os casamentos entre homens estudados neste artigo – e outros, notadamente o do nobre Graco com um corneteiro (JUVENAL, **Sátiras**, 2.117-142), e o de Afer e Calístrato (MARCIAL. **Epigramas** 12.41)²⁵ – como rituais religiosos de natureza iniciática, de forma que o liberto Pitágoras ocupa a função de doríforo (portador de lança), quer no culto de Cibele (COLIN, 1955, p. 190), quer em um dos graus da iniciação mitraica (ALLEN, 1962, p. 106). Trata-se de um mero erro de Suetônio na opinião da especialista em casamento romano, Susan Treggiari (1993, p.169); de comentaristas da vida de Nero, como Warmington (1977, p.55) e Gallivan (1974, p. 309), e do especialista em Nero, Edward Champlin (2003, p. 161). Craig Williams, que devotou grande parte da obra ao estudo das práticas e representações

homoeróticas em Roma, não descarta a hipótese de serem duas pessoas diferentes (1999, p. 364), o que equivaleria a dizer que Nero poderia ter se casado com Esporo, Pitágoras e Doríforo.

Quanto à interpretação desses casamentos como rituais iniciáticos, associo-me a Norma Miller, autora de um comentário sobre o Livro XV dos **Anais**, que se pergunta por que nem Tácito nem Suetônio (e, acrescento, nem Dión) fazem qualquer menção à natureza religiosa das cerimônias (1994, p. 87). Considerando que, se aceitássemos essa hipótese, os dois casamentos, como cerimônias de iniciação em mistérios orientais – vistos com desconfiança pela historiografia senatorial e mesmo por autores do século I desassociados da ordem senatorial, como Juvenal²⁶ –, seriam um motivo a mais de reprovação para aqueles escritores.

Não descarto a possibilidade de Suetônio ter se equivocado. Doríforo, embora desassociado de qualquer ligação erótica com Nero, é descrito por Tácito como um dos mais importantes libertos imperiais (**Anais** 14.65), e Dión Cássio afirma com precisão que ele era o encarregado das petições (**História Romana** 61.5.4). Ainda que confusões dessa natureza não sejam frequentes, não é impossível que Suetônio tenha se confundido com dois nomes gregos semelhantes foneticamente, em certa medida.²⁷ Entretanto, considero mais provável a hipótese de que um problema no estabelecimento do texto tenha influenciado a tradição das edições e posto em maiúscula o substantivo *doryphoros*, causando a confusão. Assim, como já havia antecipado acima, um liberto, inominado, portador-de-lança, seria parte do jogo sexual do capítulo 29.²⁸

Seja como for, é nítido o tom de reprovação na historiografia senatorial. Para Tácito, Nero é um tirano corrompido e corruptor, que exerce tão pouco controle sobre o próprio corpo, a ponto de se submeter sexualmente a Pitágoras em um espetáculo público, que conspurca toda a cidade. Para Dión Cássio, o imperador é um não homem, indigno do Império, como na invectiva de Vindex, que pergunta retoricamente como pode ser homem alguém que tem, ao mesmo tempo, Esporo como esposa e Pitágoras como marido. Em Suetônio, os casamentos, seja com Esporo, seja com Doríforo/Pitágoras, integram o conjunto biográfico dos atos de natureza licenciosa de Nero e apontam para sua natureza tirânica – como um corruptor, no caso do primeiro, e selvagem, desumano e dissoluto no caso deste último.

Eric Varner, refletindo sobre a assimilação do masculino e do feminino nos retratos imperiais em estátuas, moedas e camafeus, afirma que os imperadores, desde Augusto até os Severos, apresentaram uma nítida tendência

iconográfica a transcender o gênero, e que algumas estátuas de Nero, alteradas depois de sua *damnatio memoriae*, geram “confusão de gênero e têm sido identificadas, de forma variada, tanto como masculinas, quanto como femininas” (2008, p. 199). Para o autor, ao escapar do binarismo de gênero, reforça-se a natureza transcendente do poder imperial e mesmo sua posição na sociedade romana (2008, p. 2002). Acredito que essa seja a melhor chave de leitura para os casamentos estudados neste artigo, em que pese a severidade do julgamento da historiografia senatorial.

Documentação escrita

ARISTOTE. **Rhétorique** – 3 v. (Collection des universités de France, Série grecque). Trad. Médéric Dufour e André Wartelle. Paris: Les Belles Lettres, 1931-1973.

AURÉLIUS VICTOR. **Livre des Césars**. (10. impressão 2003). (Collection des universités de France, Série latine). Trad. Pierre Dufraigne. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

DIO CASSIUS. **Roman History**. V. VIII. Books LXI-LXX. (8. impressão). (Loeb Classical Library). Trad. Earnest Cary. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.

DIO CHRYSOSTOM. **Discourses 12-30**. (Loeb Classical Library). Trad. J. W. Cohoon. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1939.

HISTOIRE AUGUSTE. Tome I, 1re partie: Introduction générale. Vies d’Hadrien, Aelius, Antonin. (2. impressão 2002). (Collection des universités de France, Série latine). Trad. J.-P. Callu, O. Desbordes et A. Gaden. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

JUVÉNAL. **Satires**. (Collection des universités de France, Série latine). Trad. Pierre de Labriolle e Francois Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1921.

MARTIAL. **Épigrammes**. 3 v. (Collection des universités de France, Série latine). Trad. H. J. Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1930-1934.

PLUTARQUE. **Les Vies parallèles**: Tome 15. Artaxerxès – Aratos – Galba – Othon. (Collection des universités de France, Série grecque). Trad. R. Flacelière e E. Chambry (avec le concours de M. Juneaux pour les t. I et II). Paris: Les Belles Lettres, 1979.

SUÉTONE. **Vies des douze Césars**. Tome 2: Tibère.-Caligula.-Claude.-Néron. (10. impressão 2010) (Collection des universités de France, Série latine). Trad. Henri Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1931.

TACITE. **Annales**. Tome IV. Livres XIII – XVI. 2. éd. (5. impressão 2003). (Collection des universités de France, Série latine). Trad. Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

Referências bibliográficas

ALLEN, Walter *et al.* Nero's Eccentricities before the Fire (Tac. Ann. 15.37). **Numen**, Leiden, v. 9, n. 2, p. 99-109, set. 1962.

ALVES, José Carlos Moreira. **Direito Romano** – 2 v. 6. ed. revista e acrescentada. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

BARRETT, Anthony A.; FANTHAM, Elaine; YARDLEY, John C. (Eds.) **The Emperor Nero: a Guide to the Ancient Sources**. Princeton: Princeton University Press, 2016.

CANTARELLA, Eva. **Secondo Natura**, La bissexualità nel mondo antico. Milano: BUR, 1995.

CHAMPLIN, Edward. **Nero**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

COLIN, Jean. Juvénal et le mariage mystique de Gracchus (Juv., *Sat.*, 117-142). **Attidella Academia delle Scienze di Torino**, Torino, v. XC, n. 1, p. 114-216, 1955.

COLTON, Robert E. Juvenal's Second Satire and Martial. **The Classical Journal**, Monmouth, IL, v. 61, n. 2, p. 68-71, nov. 1965.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Alfred. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: Histoire des mots**. 4. éd. augmentée d'additions et de corrections nouvelles para Jacques André. (nova impressão 1994). Paris: Klincksieck, 1985.

ESTEVES, Anderson Martins. O banquete de Tigelino: um topos de corrupção de costumes. In: CANDIDO, Maria Regina (org.). **Banquetes, rituais e poder no Mediterrâneo antigo**. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ, 2014, p. 59-75.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin Français** (impressão 1999). Paris: Hachette, 1934.

GALLIVAN, Paul A. Suetonius and Chronology in the 'de vita Neronis'. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Stuttgart, v. 23, n. 3, p. 297-318, 1974.

GERBER, Arnold; GREEF, Adolf. **Lexicon Taciteum**. U et V litteras confecit C. John. 2 v. Hildesheim: Georg Olms, 1962.

GLARE, Peter G. W. (Ed.) **Oxford Latin Dictionary**. Reprinted with corrections (8. impressão 2007). Oxford: Oxford University Press, 1996.

- GRANT, Michael. **Greek and Roman Historians: Information and Misinformation**. 1st ed. rep. London: Routledge, 1997.
- GRIFFIN, Miriam T. **Nero: the End of a Dynasty**. Reprinted in paperback. London: Routledge, 2000.
- HALPERIN, David. **One Hundred Years of Homosexuality: and other Essays on Greek Love**. (Impressão digital 2008) London: Routledge, 1990.
- JOLY, Fábio Duarte. Suetônio e a tradição historiográfica senatorial: uma leitura da Vida de Nero. **História**, São Paulo, v.24, n.2, p.111-127, 2005.
- KASER, Max. **Römisches Privatrecht: Ein Studienbuch**. 16. durchgesehene Auf. München: Beck'sche, 1992.
- MILLER, Norma P. **Tacitus Annals XV**. Edited with Introduction, Notes and Bibliography. London: Bristol Classical Press, 1994 (impressão 2001).
- NAPPA, Christopher. "Praetextati Mores": Juvenal's Second Satire. **Hermes**, Stuttgart, v. 126, n. 1, p. 90-108, 1998.
- RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, Chicago, v. 5, n. 4, p. 631-660, 1980.
- ROBINSON, Olivia F. **The Criminal Law of Ancient Rome**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- SKINNER, Marilyn B. **Sexuality in Greek and Roman Culture**. Oxford: Blackwell, 2005.
- SONNABEND, Holger. **Geschichte der Antiken Biographie: Von Isokrates bis zur Historia Augusta**. Stuttgart: Metzler, 2002.
- TREGGIARI, Susan. **Roman Marriage: Iusti Coniuges from the Time of Cicero to the Time of Ulpian**. Oxford: Clarendon, 1993.
- VARNER, Eric R. Transcending Gender: Assimilation, Identity, and Roman Imperial Portraits. **Memoirs of the American Academy in Rome: Supplementary Volumes**, Ann Arbor, MI, v. 7, p. 185-205, 2008.
- VOUT, Caroline. **Power and eroticism in imperial Rome**. Cambridge, 2007.
- WARMINGTON, Brian H. **Suetonius Nero**. Edited with Introduction, Notes and Bibliography. 2. ed. (impressão 2003). London: Bristol Classical Press, 1999.
- WILLIAMS, Craig. **Roman Homosexuality**. Oxford: OUP, 1999.

¹ Sobre a história do termo “homossexual” e sua aplicação à Antiguidade, cf. HALPERIN, 1990, p. 15-40.

² No mesmo sentido, Fábio Joly (2005, p. 114-115) afirma: “a despeito das diferenças estilísticas, as narrativas de Tácito e Suetônio confluem, transmitindo uma similar representação do Principado neroniano e, portanto, aproximando o biógrafo da tradição historiográfica senatorial”.

³ Cf. divisão de Warmington da **Vida de Nero** (1977, p. xv).

⁴ Todas as traduções são minhas.

⁵ Todas as referências quanto ao léxico são extraídas do **Oxford Latin Dictionary** (GLARE, 1996), quando necessário, em cotejo com **Dictionnaire Latin Français** (GAFFIOT, 1934).

⁶ Em Tácito, temos que Acte era uma escrava (**Anais**. 13.46.2), por quem Nero se apaixonara (13.12) e da qual Sêneca se utiliza para conter os avanços de Agripina (14.2.1). Díon Cássio se refere a ela como uma escrava trazida da Ásia e adotada por Átalo (**História Romana**. 61.7.1).

⁷ *Puer* pode efetivamente, como observa Colin (1955, p. 188), significar escravo. Entretanto, prefiro a informação trazida por Díon Cássio, que nos informa que ele era um jovem liberto (**História Romana** 62.28.2).

⁸ *Sigillaria* pode tanto significar uma festividade associada às Saturnais como uma região de Roma em que se faziam estatuetas (*sigillum*, ou *sigilla*, no plural) que se trocavam como presentes nesta festividade. Cf. VOUT, 2007, p. 152 e CHAMPLIN, 2003, 145-177.

⁹ ἔπειτα καὶ παῖδα ἀπελεύθερον, ὃν Σπόρον ὀνόμαζεν, ἐκτεμών, ἐπειδὴ καὶ αὐτὸς τῆ Σαβίνῃ προσεῴκει, τάτε ἄλλα ὡς γυναικὶ αὐτῷ ἐχρήτο

¹⁰ καὶ προϊόντος τοῦ χρόνου καὶ ἔγημεν αὐτόν, καίπερ Πυθαγόρα τινὶ ἐξελευθέρῳ γεγαμημένος, καὶ προῖκα αὐτῷ κατὰ συγγραφὴν ἔνειμε, καὶ τοὺς γάμους σφῶν δημοσίᾳ οἷ τε ἄλλοι καὶ αὐτοὶ οἱ Ῥωμαῖοι ἐώρτασαν.

¹¹ (...) τὸ Σπόρω τοῦ Νέρωνος συγκαθεύδειν ὄνευθὺς ἀπὸ τῆς πυρᾶς ζῆτι καιομένου τοῦ νεκροῦ μεταπεμψάμενος ἐκεῖνος ἐν γαμετῆς εἶχε τάξει καὶ Ποππαίαν προσηγόρευεν, (...). com o fato de se deitar com Esporo, favorito de Nero, que logo mandou vir de junto de sua pira, quando o cadáver ainda ardia, tomou-o por esposa e o chamou Popeia (...)

¹² Νέρωνα γοῦν πάντες ἐπιστάμεθα ἐφ’ ἡμῶν ὅτι οὐ μόνον ἐξέτεμε τὸν ἐρώμενον, ἀλλὰ καὶ τὸ ὄνομα αὐτοῦ μετωνόμασε γυναικεῖον, τῆς αὐτοῦ ὑέρωμένης. É certo que todos sabemos que Nero, em nosso tempo, não só castrou seu erômenos, como também mudou seu nome para o da mulher que ele amava.

¹³ *Auspicanti Sporus anulum muneri optulit, cuius gemmae sculptura erat Proserpinae raptus*

¹⁴ É interessante notar que Nero foi o primeiro imperador a usar a *corona spicea* associada ao culto de Ceres (VARNER, 2008, p. 200). Assim, o presente de Esporo pode fazer referência a essa modalidade de representação retratística do imperador.

¹⁵ *Quattuor solis comitantibus, inter quos et Sporus erat.*

¹⁶ *Ac modo Sporum hortabatur, ut lamentari ac plangere inciperet, modo orabat, ut se aliquis ad mortem capessendam exemplo iuaret.* Cf. DION CÁSSIO, **História Romana**, 63.29.2 para outras duas versões.

¹⁷ διὰ μόνην μέντοι ταύτην τὴν ὕβριν καὶ ἀπέθανε τὴν εἰς τὸν εὐνοῦχον. ὀργισθεὶς γὰρ ἐξήνεγκεν αὐτοῦ τὰ βουλευμάτα τοῖς περὶ αὐτόν: καὶ οὕτως ἀπέστησαν ἀπ' αὐτοῦ καὶ ἠνάγκασαν ὄφω ποτὲ τρόπῳ ἀπολέσθαι αὐτόν.

¹⁸ Para Cantarella (1995, p.137) é o “atto più odioso per i romani”. Tanto a *fellatio* (sexo oral tendo como objeto homem), como o *cunnilingus* (sexo oral tendo como objeto uma mulher) eram condutas sexuais desviantes (SKINNER, 2005, p. 18).

¹⁹ Quippe noxiorum uinctis modo pelle tectus ferae utrique sexui genitali aaultu contrectabat.

²⁰ ὁπότε καὶ μειράκια καὶ κόρας σταυροῖς γυμνὰς προσδέων θηρίου τέ τινος δορὰν ἀνελάμβανε καὶ προσπίπτων σφίσιν ἡσέλγαιεν ὥσπερ τιέσθιων.

²¹ A mesma figura – quiasmo – aparece em Díon Cássio, no discurso de Vindex (**História Romana** 63.22.4).

²² Em toda sua obra, Tácito usa *nubo* 15 vezes, e *denubo* apenas duas (GERBER; GREEF, 1962, p. 276).

²³ καὶ προϊόντος τοῦ χρόνου καὶ ἔγημεν αὐτόν, καίπερ Πυθαγόρα τινὶ ἐξελευθέρῳ γεγαμημένος

²⁴ εἶδον τὸν ἄνδρα ἐκεῖνον, εἶγε ἀνὴρ ὁ Σπόρον γεγαμηκῶς, ὁ Πυθαγόρα γεγαμημένος.

²⁵ Para acompanhar a discussão, cf. COLTON, 1965; NAPPA, 1998 e VOUT, 2007, p. 136-166.

²⁶ Cf. **Sátiras**. 2 e, especialmente, 3.

²⁷ Ambos têm quatro sílabas e são paroxítonos em grego.

²⁸ Caroline Vout, que não deixa claro se Pitágoras e Doriforo teriam sido a mesma pessoa, igualmente lê um subtexto sexual na função de *doryphoros*, sugerindo que o termo tivesse o sentido de “active partner” (2007, p. 153). Embora aceite a validade da sugestão, não vejo como afirmar que o liberto realmente “matasse” o imperador, utilizando-se de sua lança-falo.